



A disciplina do amor

Aquele abraço, de Marcelo Maldonado

André Rosa*

“Meu carinhoso e meigo rapaz,
Não cores, que meu és para sempre!
[...]
Não temas outros de riso atroz,
Pois em nós mesmos nos desdobramos:
Tal qual duas partes de uma noz,
Sob a mesma casca nos achamos”.

Aleksánder Púchkin

Corria o ano de 1986, quando o caos e a aleatoriedade atingiram em cheio Lucas, protagonista de *Aquele abraço* (2017), primeiro romance do carioca Marcelo Maldonado. Aluno recém-chegado em uma instituição militar, ambiente em que se desenvolve a maior parte do enredo, ele, um menino de doze anos, descobre suas primeiras perguntas, seus primeiros medos e também seus primeiros pecados, como nos sugere o uso, como primeira epígrafe do livro, do claríssimo Salmo 51: “Porque eu conheço as minhas transgressões, e meu pecado está sempre diante de mim”.

Narrado em primeira pessoa, como um diário, *Aquele abraço* é dividido em 34 capítulos que se desenvolvem em sintonia com as

* Graduando em Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

descobertas feitas por Lucas, personagem-narrador. A narrativa é atravessada por uma tempestade de sentimentos, medos, sorrisos e experimentações que, pouco a pouco, se desnudam aos olhos do leitor. Ambientada principalmente no Colégio Militar da Tijuca, mostra que os estudantes de uniformes caquis e calças rubras não demoraram a descobrir que ali “aprenderiam a ser homens”, como anunciava a voz alta e ríspida de um sargento que se dirigia aos novatos como “bichos” – coisa que o protagonista não compreendeu de imediato se denotava promessa ou ameaça.

A amizade cada vez mais próxima entre Lucas e o colega Victor logo vira alvo de comentários maldosos: a sexualidade de ambos é questionada e os dois passam a ser vistos como “namoradinhos”. Antes disso acontecer, não percebiam os olhares e cochichos cínicos daquele recinto, que o escritor Caio Fernando Abreu teria chamado de “deserto de almas” – como no conto “Aqueles dois”, de *Morangos mofados*, ao qual Maldonado muito provavelmente presta tributo –, em que a amizade e o afeto são julgados e condenados pelos pretensos guardiões da moralidade.

O ambiente militar, quase sempre hostil às emoções de Lucas, interfere no convívio dos dois amigos, que se intensifica para além dos muros do colégio. É precisamente nesse momento que o vínculo entre eles chega a três circunstâncias essenciais: a *aproximação* dos mundos, quando passam a frequentar a casa um do outro e, assim, a se entregar ao mundo um do outro, com Victor descobrindo a música de Lucas e Lucas descobrindo o futebol de Victor; a *descoberta do corpo*, quando experimentam, juntos, a masturbação e o toque antes proibido; e, por fim, a *negação*, quando Victor, confuso e agressivo, rejeita em si uma experiência homossexual que já aconteceu.

Tanto quanto o conto de Caio Fernando Abreu, o romance é atravessado por um tema musical que evoca o sentimento que há entre os dois amigos. Da mesma forma que em “Aqueles dois” o bolero “Tú me acostumbraste”, cantado por Caetano Veloso, comove os amigos Raul e Saul, em *Aquele abraço* há um momento em que Lucas descreve sua visita à casa de Victor, quando os dois trocam olhares enquanto ouvem Nat King Cole cantar “When I fall in love”, tema da série *Anos dourados*, que, vista pelos dois, possibilitou que se conhecessem. Na verdade, o romance é perpassado pela música, presente também pela famosa gravação de “Take five” pelo Dave Brubeck Quartet e pelas lições de Chopin a Schubert que Lucas recebe de sua tia Lara – e que tanto encham os olhos de Victor.

Um terceiro ponto em comum com o conto do autor gaúcho é o modo como a amizade se estabelece, quase que uma citação. Em ambas as narrativas, os dois se encontram em um ambiente novo, respectivamente, um escritório e uma escola. Nas duas situações, um deles demonstra cansaço por ter ficado até tarde assistindo à televisão. Em “Aqueles dois”, Saul havia assistido ao filme *Infância* – sobre duas amigas próximas que são vistas como namoradas e por isso têm seu negócio arruinado –, que Raul conhecia e gostava muito. Em *Aquele abraço*, Lucas havia ficado até tarde assistindo a *Anos dourados*, que Victor também acompanhava.

Por outro lado, em direção oposta à do conto “Aqueles dois”, em que a natureza da relação entre os amigos Raul e Saul não se explicita, os personagens de Marcelo demonstram transparência: mesmo sob a ótica turva de dois garotos que ainda não sabem ao certo o que são, o primeiro gozo, por exemplo, é descrito com clareza. O mesmo ocorre ao toque entre os corpos, que se completam como as duas partes de uma noz que se encontram sob a mesma

casca, conforme descrito no poema de Púchkin que serve de epígrafe a esta resenha.

Intimista, esse romance de formação (ou, como chamam em alemão, *Bildungsroman*) tematiza contradições do humano que até hoje não foram totalmente superadas, com seus amores e ódios, como dois lados exatos de um mesmo objeto. Victor se junta a seus algozes para atacar Lucas e, de certo modo, atacar a si mesmo e a seu *pecado*. Encarna as contradições de uma sexualidade há muito observada e descrita por diversos ângulos pela literatura, que dela oferece ficções absolutamente reais. Se tanto em Caio Fernando Abreu quanto em Maldonado a homossexualidade é recebida com a ira dos que estão em volta, na obra inacabada *Niétotchka Niezvânova* Dostoiévski descreve uma relação lésbica entre duas crianças com absoluta naturalidade, como se os leitores do século XIX estivessem plenamente abertos a essa forma de amor, tanto que as diferenças desaparecem por si próprias.

Em sua aparição como romancista, Marcelo Maldonado enfrenta com coragem um dilema que acompanha o homem desde a queda de Adão e, por mais paradoxal que pareça, permanece absolutamente contemporâneo. Igualmente notável é o texto em si, primoroso a ponto de nos fazer pensar em outra suposta contradição: a estreia de um escritor já pronto.